
ENSINO DE LITERATURA E INTERDISCIPLINARIDADE: CONTOS DE CLARICE LISPECTOR EM DIÁLOGO COM AS ARTES PLÁSTICAS E A CANÇÃO

Fernanda Vivacqua de Souza Galvão Boarin¹
Luana Fernandes Sofiati²

Introdução

No contexto de realização do Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa, o qual consiste numa inserção de graduandos em Letras no espaço escolar, subdividida em etapas de observação (um total de 36 horas/aula) e intervenção (8 horas/aula), tivemos a oportunidade de nos aproximarmos do cotidiano de uma turma de primeiro ano do Ensino Médio, especificamente, nas disciplinas que compõem o núcleo de Língua Portuguesa (Gramática; Produção Textual e Literatura), de uma escola da rede privada, localizada na região central da cidade de Juiz de Fora – MG.

Para além da observação de aulas dos professores, que nos ajudou a compreender como se construíam as relações entre alunos-professores-conteúdos, a etapa de intervenção nos deu subsídios para aprofundarmos nossas reflexões acerca das práticas pedagógicas desenvolvidas no ensino de Literatura, uma vez que esta foi a disciplina que escolhemos para propor nossa intervenção.

O objetivo do presente trabalho se delinea, portanto, em torno do relato de nossas experiências no contexto descrito acima, na perspectiva de contribuir com outros professores em formação sobre o ensino de Literatura no Ensino Médio. Para emoldurar nossas reflexões, trazemos alguns conceitos propostos por Cosson (2010) e Rojo (2006; 2012), os quais colaboram para pensarmos o lugar dos textos literários na formação cidadã e a adoção de uma perspectiva interdisciplinar nas aulas de Literatura.

A fim de tecer as reflexões surgidas a partir de nossa experiência e alinhá-las às propostas de ensino colocadas pelos autores supracitados, organizaremos este trabalho em seções, dispostas da seguinte maneira: apresentação da escola e turma – a fim de contextualizar nossa prática pedagógica no panorama da educação básica; fundamentação teórica – para mostrar nossa filiação e trazer o que se pensa acerca do ensino de literatura; descrição das atividades – com o intuito de comentar os

¹ Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora – fernandavivacqua@gmail.com

² Graduada em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora – luanafsofati@hotmail.com



procedimentos adotados e a resposta recebida da turma; e, por fim, as considerações finais, que servem aos desdobramentos desta proposta de intervenção para nossa formação como professoras.

A escola e a turma

Como dito anteriormente, nosso estágio foi realizado em uma escola da rede privada localizada na região central da cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais. A escola oferece todos os segmentos da educação básica, ou seja, são vinte e duas turmas distribuídas entre Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, nos turnos da manhã e tarde. A escola atende cerca de oitocentos alunos e seu quadro docente é constituído por sessenta e seis professores.

Realizamos nosso estágio numa turma do primeiro ano do Ensino Médio durante oito semanas, acompanhando 43 alunos, com faixa etária entre 14 e 15 anos, com carga horária de 6h/aula por semana. Durante nosso período de observação, percebemos que a relação entre alunos e professores é positiva e pautada no respeito e na troca de experiências, o que contribui sobremaneira para o processo ensino-aprendizagem. Outros instrumentos que colaboram nesse processo ensino-aprendizagem são os serviços de atendimento online, para solução de dúvidas, e o atendimento psicopedagógico, que auxilia os alunos no planejamento dos horários de estudo.

Fundamentação teórica

Durante nossa observação, e diante da necessidade de ministrar oito aulas na escola em que fazíamos estágio, surgiram diversas questões em torno do ensino de Literatura, do papel da análise literária no contexto escolar e, também, dos desafios em se trabalhar com uma diversidade textual em sala de aula. Esse último ponto se deve às atividades propostas em nossas aulas, uma vez que, além do texto literário, trabalhamos com o gênero canção e as artes plásticas. Sendo assim, nessa seção, traçaremos algumas questões teóricas que fundamentaram nossas reflexões, ajudando a responder algumas questões, e suscitando inúmeras outras.

De início, compreendemos que nossas dúvidas sobre o ensino de Literatura estavam ligadas, em parte, à dúvida, que paira sobre muitos professores de língua materna e graduandos de Letras: qual o papel do ensino de Literatura na escola? Como apontam as *Orientações curriculares para o Ensino Médio – Linguagens, códigos e suas tecnologias (OCM)* (BRASIL, 2006), o ensino de Literatura esteve ligado, por muitos anos, a manutenção do *status quo*, constituindo-se como um saber de setores sociais privilegiados, social e economicamente. Com a democratização do ensino público no país, entretanto, amplos setores passaram a frequentar os bancos escolares e a partir desse



momento o ensino básico volta-se, prioritariamente, para a formação de mão de obra e preparo para o mundo do trabalho, o que ocasiona um vácuo em relação ao ensino das distintas artes, como a literatura. Ora, diante desse quadro, ressurgem as perguntas: “por que ainda a Literatura no currículo do ensino médio se seu estudo não incide diretamente sobre nenhum dos postulados desse mundo hipermoderno?” (BRASIL, 2006, p. 52).

Para responder a esse questionamento, ainda em diálogo com as OCEM (2006), entendemos que a experiência estética com a Literatura não pode ser negada aos alunos e faz parte de nosso trabalho levar as crianças e os adolescentes a um processo de fruição artística e compreensão do texto lido. Assim, encontramos respaldo no conceito de letramento literário, ou seja, “empreender esforços no sentido de dotar o educando da capacidade de se apropriar da literatura, tendo dela a experiência literária” (BRASIL, 2006). Logo, entendemos que a Literatura deva “reconquistar” seu espaço no ambiente escolar, mas com uma perspectiva de formar leitores literários proficientes, autônomos e capazes de refletirem sobre as práticas sociais em torno da leitura literária.

Com base nessa reflexão, recorreremos às ideias de Cosson (2010), para pensar, então, como esse ensino de Literatura se dá no espaço escolar. De acordo com o autor, o primeiro passo para a formação leitora é o contato com o texto literário, que pode se dar em diferentes contextos, como em família, em bibliotecas ou na escola. Tendo em vista, no entanto, a precariedade em torno das práticas de leitura e circulação de livros literários em nossa sociedade, acreditamos que o espaço escolar ainda seja um espaço privilegiado nesse sentido. Assim, através do contato com o texto, inicia-se a relação com a literatura na sala de aula:

Um encontro que pode resultar em recusa da obra lida – que deve ser respeitada – ou em interrogação ou admiração – que devem ser exploradas. É essa exploração que constitui a atividade da aula de literatura, o espaço do texto literário em sala de aula. (COSSON, 2010, p. 58).

Se a aula de literatura deve passar pela exploração do texto literário, o primeiro passo é fazer com que os alunos tenham contato com esses textos, o que pode se dar de diferentes formas, como a leitura individual, coletiva, silenciosa, em um sarau etc. Além desse contato, são fundamentais a análise e a construção do sentido dos textos, caminho que deve ser empreendido com a mediação do professor. Assim, a análise literária não deve ser temida, mas central e orientada pela construção do sentido do texto e a formação leitora:

Analisar o texto é procurar compreender sua elaboração escrita e imagética para com ela sustentar um sentido. Esse modo de ler precisa ser aprendido tal como se aprende outras práticas e conteúdos. O espaço da literatura como texto na sala de aula trata dessa necessidade de aprendizagem que demanda tanto o contato



permanente com o texto literário quanto a mediação do professor na formação do leitor. (COSSON, 2010, p.61).

É, portanto, pela análise, que vamos construindo nossa leitura do texto, e como professoras distanciando nossas práticas de um ensino de Literatura calcado em datas e biografias. Faz-se importante ressaltar, também, que a análise, enquanto coletiva, vai em direção à concepção de linguagem como interação. Ou seja, concordamos com o pressuposto da linguagem como mediadora simbólica das relações humanas e, portanto, constitutiva do ser humano enquanto sujeito (BRASIL, 2006). Assim, o momento da análise literária deve, como premissa, privilegiar a interação entre os sujeitos em sala de aula, dar voz aos alunos e construir, através desse processo, o sentido do texto lido e as reflexões sobre a relação entre o lido e o vivido, o ficcional e o real.

Outra questão levantada é o trabalho com o contexto da obra que por muito tempo significou esvaziar as aulas de Literatura de leitura literária, centrando-se exclusivamente em elementos contextuais. Não concordamos com esse viés, por tudo exposto acima, mas temos acordo com Cosson (2010), ao colocar que o contexto deve ser trazido para a sala quando auxilia a construção do sentido do texto. Assim, trabalhar ou não com o contexto das obras não é uma decisão estanque e inflexível, mas uma adequação à necessidade da turma e da aula, sem, com isso, tirar do texto literário a centralidade nas aulas de Literatura.

Avançando em nossas reflexões, também quisemos abordar a importância da intertextualidade e da transversalidade nas aulas de Literatura, uma vez que as produções literárias estão em constante diálogo com outras manifestações artísticas e com a própria vida social. Cosson (2010) chama a atenção para a necessidade de um trabalho intertextual, ou seja, para a mediação realizada pelo professor entre os alunos e os diálogos tecidos no texto:

Aproximar diferentes versões de uma mesma história, mostrar como elas constroem essa semelhança em suas diferenças, constitui o espaço intertextual da literatura em sala de aula. É pela exploração consistente e sistemática desse espaço que o leitor solidifica e amplia o conhecimento de sua cultura e da relação que ela mantém com outras, tornando-se ele mesmo parte desse diálogo. (COSSON, 2010, p. 67).

Como exposto acima por Cosson, as aulas de Literatura devem dar suporte para que os jovens leitores entendam como esses textos se alocam na nossa cultura. É isso que construirá o “repertório social e cultural do leitor” (COSSON, 2010, p. 67), e ampliará o seu conhecimento de mundo, conferindo-lhe também mais autonomia enquanto leitor, principalmente para suas leituras literárias fora do contexto escolar. Por isso, acreditamos que o trabalho com canções, esculturas,



pinturas, entre outros textos, fazem parte do ensino de Literatura, não sendo menores ou menos importantes.

A decisão por desenvolver um trabalho transversal é amparada pelas discussões trazidas no PCN (BRASIL, 1997), segundo o qual é parte do papel da escola contemporânea formar cidadãos críticos, que saibam refletir sobre sua realidade e suas peculiaridades. Assim, é importante que o ambiente escolar reflita sobre temas, como a ética, a sexualidade e o preconceito. Essa discussão se faz necessária para nós pois, ao trabalharmos com os contos da escritora Clarice Lispector, identificamos o tema do “feminino” como central, e, por esse motivo, buscamos abordar as questões de gênero e do feminino de forma ampla, objetivando a transversalidade colocada pelo PCN. Assim em nossa intervenção buscamos construir, através do diálogo, não só um sentido para o texto, mas também sobre os desafios do “ser mulher” e as imposições sociais em torno disso.

Descrição das atividades

Ao longo das oito aulas que constituíram nossa intervenção, desenvolvemos uma unidade temática sobre a produção literária de Clarice Lispector através de contos indicados pelo professor responsável pela disciplina, uma vez que o estudo da literatura desta autora faz parte do programa de estudo dos alunos. Um ponto que precisamos esclarecer é que o professor já havia feito uma introdução à obra literária da autora através da leitura de dois outros contos.

Os contos selecionados fazem parte do livro *Laços de família* (1998), o qual traz aos leitores a possibilidade de repensar as ligações familiares a partir de duas perspectivas a do afeto e a da prisão, ambas encarnadas na figura do laço. A partir desta introdução, portanto, chegamos a aula sobre o conto “Uma galinha”, o qual lemos como uma crítica à determinação social do papel da mulher. Numa análise breve podemos dizer que através da figura da galinha, ave que não voa, animal desprezível (em oposição ao seu correspondente masculino, o galo, que assume posição triunfante não só no galinheiro mas na vida cotidiana da vida rural), através dessa figura Clarice estabelece um paralelo com a mulher e mostra, através da metáfora, o que está posto para as mulheres em nossa sociedade.

Durante a leitura do conto, portanto, fomos destacando com os alunos elementos que serviriam à construção de uma interpretação do texto literário e, desde o título, provocando-os a pensarem as escolhas lexicais e imagens que compõem o sentido do conto.

Após o trabalho com o conto “Uma galinha”, iniciamos o trabalho com o conto “Feliz aniversário”, que também integra o livro *Laços de família*, de Lispector. O conto narra o aniversário de uma senhora, D. Anita, matriarca de uma família carioca. Durante o aniversário, fica patente tanto



a hipocrisia familiar – já que os personagens não demonstram alegria pelo acontecimento nem afeto genuíno pela mãe/avó, Dona Anita. Sob esse mote, a narrativa se desenvolve tendo como enfoque as alterações de ânimo da matriarca, que digere, em silêncio, um desgosto por sua família, até que cospe no chão e profere ataques aos familiares.

Como no trabalho com “Uma galinha”, nossa estratégia utilizada, em acordo com nossas referências teóricas, foi a leitura coletiva de excertos do conto e a construção coletiva do sentido do texto. Escolhemos trabalhar lendo excertos dada a extensão do texto. Em muitos pontos, pedimos aos alunos que sublinhassem as partes importantes e anotassem elementos importantes da discussão. Ficamos muito satisfeitas com a participação dos alunos, que não só diziam o que estavam entendendo do conto, como levantavam dúvidas sobre o texto e sobre a temática do mesmo. Entretanto, notamos que os alunos interagem muito mais do que as alunas, o que muito nos inquietou.

Nossa inquietação se deu por acreditamos que a temática transversal era muito mais próxima da realidade das alunas, por serem jovens mulheres, e ao dividir isso com o professor, ele nos explicou que, muitas vezes, as alunas têm dificuldade de se posicionar em debates sobre gênero, pela reação negativa dos meninos, manifestada em deboche. Assim, o tema e discussão propostos se mostraram ainda mais urgente pois, como apontam os PCNs (BRASIL, 1997), esse debate é recebido frequentemente com a hostilidade no ambiente escolar.

Partindo do conto trabalhado, portanto, demos enfoque à discussão sobre o papel da maternidade, centrado na figura da matriarca aniversariante, apontando elementos dessa experiência da maternidade, como a obrigatoriedade de contato, os falsos afetos e a solidão do envelhecimento.

Gostaríamos, a este ponto de nosso relato, de ressaltar a importância da vivência prévia dos alunos na construção do sentido do texto, uma vez que inúmeras vezes recorremos a situações familiares reais, para tentar estabelecer uma relação com o conto. Assim, além da construção de sentido para o texto literário, pensamos que através das aulas os alunos refletiram sobre suas realidades e as relações familiares tecidas.

Na perspectiva do multiletramento, e considerando a importância reconhecida dessa proposta de ensino (ROJO, 2006; ROJO, 2012), nossas últimas aulas foram dedicadas à exploração das representações de maternidade que temos para além da literatura, alcançando as artes plásticas e a canção, ambas apresentadas através de slides.

No primeiro momento exploramos representações imagéticas (escultura e pintura) dos quais são exemplos a obra *Pietà*, de Michelangelo, e *Mãe e Filha – Cegas*, de Rosana Paulino. E nessa apresentação, assumimos a postura de mediadoras por entendermos que faz-se necessária uma



reflexão sobre os papéis assumidos em sala de aula, aqui especificamente no ensino de literatura – entendendo, porém, que é uma questão que afeta outras disciplinas –, no qual o professor é visto (ou encarna) a figura de detentor do conhecimento que tem uma sensibilidade sobrenatural para entender os textos literários, e o aluno é visto (ou encarna) a figura de receptor dos conhecimentos, depósito sem autonomia.

Passamos agora a descrever, de maneira sucinta, as discussões acerca das representações da maternidade de cada obra desdobradas na turma. Ainda diante do título de nossa apresentação, “Maternidade e representação”, perguntamos aos alunos o que eles associavam à palavra “maternidade” e de quais representações ligadas a esse conceito eles se recordavam. “Uma relação entre mãe e filhos”; “carinho”; “propagandas de dia das mães”; “mulheres felizes e sorrindo” são exemplos do que surgiu na turma. A partir daí, começamos a apresentar as obras.

A primeira, *Pietà* - Michelangelo, suscitou nos alunos reflexões como “a mãe cuida do filho mesmo depois de adulto”; “parece que o filho tá desmaiado”; “é uma imagem de Maria e Jesus” e comentários ligados a relação entre mãe e filho que seguiram a linha do cuidado. As obras seguintes, *Maternidade* - Lasar Segall e *Maternidade I* - Tarsila do Amaral, também geraram interpretações sobre o cuidado, mas surgiram percepções sobre a pobreza da mãe, ausência do pai, tristeza nos olhos e muitos alunos criaram hipóteses sobre o que poderia causar tristezas para essas mulheres. Neste momento, agimos como mediadoras e dissemos que seria importante pautar nossas interpretações pelos elementos trazidos nas pinturas, assim como havíamos feito na análise dos textos de Clarice Lispector. Assim, surgiram comentários sobre as cores escolhidas para compor o quadro (frias e sem vida), sobre a simplicidade das roupas e o cenário vazio.

A última imagem, enfim, gerou maior desconforto na turma. Diante da reprodução do quadro *Mãe e Filha – Cegas*, de Rosana Paulino, os alunos se disseram angustiados, “com nervoso”, e classificaram a imagem como “forte”. Passado o primeiro impacto, provocamos a turma a construir interpretações daquela obra, considerando a relação título – imagem; as cores, o traço. Após um instante de silêncio, alunos começaram a tecer comentários como “as linhas que saem da mãe formam a criança”; “parece que ela acabou de parir”; “os dois estão ligados, mas parece que sufoca” e a partir disso perguntamos o que ligava essas duas mulheres dado que pelo nome sabemos que o bebê é menina, ao passo que muitos responderam “ah, a mãe já passou por muita coisa que a filha vai passar”; “igual a Zilda e a D. Anita né?”. Novamente como mediadoras, fizemos apontamentos para dizer que a artista responsável pela última obra é contemporânea e retomamos o caminho as análises de representações desde o Renascimento, com Michelangelo, até os dias atuais, com Rosana Paulino.



Começamos a segunda aula dedicada à análise e discussão das representações da maternidade recordando a conversa da aula anterior e passamos à escuta da música “Pedaço de mim” de Chico Buarque, exibindo a letra no slide. Os comentários da turma evidenciaram desconforto e a partir da leitura de trechos, elaboramos coletivamente reflexões sobre a invisibilidade social das mulheres que perdem um filho, uma vez que esse acontecimento é um tabu (tenha a mãe perdido o filho num aborto, no parto ou ainda em outro momento). Destacamos ainda a metáfora que pode representar a figura de uma mãe que sofre pela ausência do filho, se consideramos o processo de abandono afetivo vivido por mulheres na velhice, como vimos nos contos analisados nas aulas anteriores.

Considerações finais

Nosso relato buscou, como dito de início, relacionar aquilo que vimos e aplicamos durante o estágio, com as nossas leituras e reflexões teóricas. A partir disso, ficamos positivamente surpresas, ao acompanhar as aulas de Literatura, especificamente, por encontrarmos uma prática em sala de aula que, por um lado, estava alinhada à teoria que julgamos mais propícia, e, por outro, gerava resultados através da interação entre a turma e da construção coletiva em torno do sentido do texto literário.

Por fim, vale dizer, que essa experiência positiva não exclui o fato de termos nos confrontado com desafios, como a pressão exercida por exames de acesso à universidade pública. No entanto, vemos o “sucesso” das aulas observadas como uma possibilidade de avançarmos, ainda que com desafios e “barreiras”.

Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética / Secretaria de Educação Fundamental*. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. *Orientações curriculares para o ensino médio – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*. Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

COSSON, Rildo. O espaço da literatura na sala de aula. In: PAIVA, A., MACIEL, F., COSSON, R. *Coleção explorando o ensino – Literatura*. Volume 20. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.



FARACO, Carlos Alberto. Por uma pedagogia da variação linguística. FARACO, et al. CORREA, Djane Antonucci (Org.). *A relevância da linguística – linguagem, teoria e ensino*. São Paulo: Parábola editorial; Ponta Grossa: UEPG, 2007.

LISPECTOR, Clarice. *Laços de Família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

ROJO, Roxane. PCNs, gêneros e ensino de língua: faces discursivas da textualidade. ROJO, Roxane (Org.). *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs*. Campinas: Mercado das Letras, 2006.

ROJO, Roxane. *Multiletramento na escola*. São Paulo: Parábola, 2012.

